A CRISE DA MÚSICA

Bernadete Zagonel[1]

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 15 de junho de 2002)

"A música atravessa entre nós um período de mal-estar visível.

A prova mais palpável é esta: o comércio de música está se debatendo nas garras da crise. Não vende mais pianos; a saída da música séria é fraquíssima e por isso atiraram-se ao disco e à música de dança."

O texto acima foi escrito em 1930, pasmem!, por um músico e crítico carioca chamado Luciano Gallet. Achei que valeria a pena lembrá-lo porque já abordei este assunto várias vezes aqui na Gazeta. Sempre nos parece que este é um problema recente. Mas não. Vê-se que a discussão e o desagrado de muitos pelos tipos de música veiculada pela mídia, é antiga.

Por um lado, ver que esta é uma situação existente já há mais tempo dá um certo conforto; parece que nos tira alguma culpa. Mas por outro, constata-se que o problema só avança, aumenta e piora, e ninguém consegue tomar nenhuma atitude para refreá-lo. Continuamos, muitos de nós, a ter de ouvir o que não nos interessa e, pior, deixar que nossas crianças e adolescentes se contaminem com esses repertórios.

Luciano Gallet se arriscou a enumerar algumas causas para explicar a situação que ele considerava grave. A primeira seria a de uma crise financeira que, segundo ele, seria passageira.

Mas ele acusava também a falta de educação como origem e motivadora da crise. E para isso, dizia, só há um remédio: reagir. Mas reagir como? Ora, usando estes mesmos meios de comunicação para educar o povo, em vez de "deseducá-lo", sentenciou.

Parece que ele já estava prevendo o que aconteceria mais tarde. De lá para cá, não temos visto os meios se preocupando com isso. Já atravessamos o milênio, e continua imperando a busca do sucesso e do dinheiro, em detrimento da boa qualidade.

Além disso, a música veiculada nas rádios e tvs destes últimos anos tem sofrido um visível processo de infantilização. Quem não se lembra do modo como as criancinhas costumam e gostam de cantar? Elas adoram fazer gestos para demonstrar o que está sendo dito na música: levantam os bracinhos, imitam as orelhas do coelhinho com as mãos sobre a cabeça, mãozinha na cintura, dedinho apontando pra frente, e outras teatralizações mais, que, nas criancinhas, ficam uma gracinha, não é?...

Pois não é o que se vê hoje, feito com multidões? E, ainda, com o tempero da dupla intenção? É um tal de rebola pra cá e prá lá, de sobe e desce, gestos e dizeres sempre com conotações maliciosas. Uma espécie de catarse, de liberação de instintos e comportamentos coletivos. O bacana é fazer tudo igual, todos juntos, ao mesmo tempo, como fazem as crianças...

Aliás, essa questão da malícia na música popular brasileira não é um fato novo. Se pesquisarmos, por exemplo, algumas modinhas cantadas no tempo do império, veremos como elas já estavam carregadas de safadezas, escandalizando as classes mais conservadoras da época. Isso sem falar do maxixe, gênero de música nascido nos subúrbios

---

[1] Bernadete Zagonel é professora titular da UFPR. Chefe do Departamento de Artes. Doutora em música pela Sorbonne- Paris. bzagonel@humanas.ufpr.br

do Rio de Janeiro no final do século XVIII que se dançava aos pares, com os corpos colados dando volteios e requebros de todos os lados. No início, chegou a ser proibido, mas a sua popularização foi tanta que, dizem, chegou a ser dançado nos salões parisienses por volta de 1912.

Mas voltemos às críticas de Gallet: para encerrar seu discurso, ele ainda apontava para a possibilidade de estar havendo uma crise real, ou seja, "o abaixamento do nível intelectual." Por isso concluiu que, se depois de empreendidos alguns esforços a situação não melhorar, não há outra coisa a fazer: "é tratar imediatamente de outro ofício; abrir um botequim ou ir plantar bananas, o que será sem a menor dúvida muito mais compensador."

Pois bem: setenta anos depois, a que conclusão podemos chegar? Não deveriam eles ter ido plantar bananas?